

## Agartha: Amor e Sexo

Fausto Ramos

Semeando a vida no Cosmos, velejando pelas águas do luto e saboreando os encantos do prometido Éden; Agartha fala de mistérios íntimos ao coração dos iniciados. Mistérios que mesmo eu hesito postular em palavras – e que Edgar Franco traduziu tão bem com sua arte poética e filosófica.

As pinceladas de Dr. Franco são encharcadas de referências ao erótico, figurando o sexo como uma manifestação de nossa natureza instintiva, primal e divina. A nudez expressa um estado de pureza – um convite à comunhão com o que há de mais natural em nós.



### Agartha

Edgar Franco

Paraíba: Marca de Fantasia

3ed. 2018. 68p. 14x20cm.

Fausto Ramos dos Santos. Licenciatura Matemática pela Faculdade Estácio de Sá.

Meu alicerce para essas observações passa pelo estudo de um sensível pesquisador, José A. Gaiarsa. Psicanalista brasileiro, J. A. Gaiarsa é responsável por trazer ao Brasil as ideias de Wilhelm Reich, discípulo de S. Freud e terapeuta corporal. Faço, portanto, um paralelo entre a obra de Edgar e as ideias que esse escritor nos apresenta sobre o corpo, o sexo e o amor.

O sacro-sexo é um tema central em Agarthá. A comunhão entre parceiros representa o próprio Éden – estado de sublime comunhão com o infinito. Enquanto os amantes se entrelaçam e se confundem um no outro o tempo para, o resto do mundo se abstrai, inexistindo outra instância do espaço-tempo senão aquela em que os enamorados se fazem presentes em carne, alma e espírito.

Tal é minha descrição da sublime experiência representada nas páginas de Agarthá. Contudo, o mesmo conceito pode ser encontrado em Amores Perfeitos, título da transcrição de um circuito de palestras que J. A. Gaiarsa ministrou em Brasília no princípio dos anos 1990's. Aqui, o psicanalista descreve as características de um contato vivo, corpo a corpo – alma com alma – que melhor representa o estado amoroso genuíno e enriquecedor.





Eu e você e mais nada. Eu gostaria de comparar essa sensação de isolamento a dois com a formação de um casulo. Ocorre o isolamento porque vai acontecer uma coisa muito importante e muito delicada aqui dentro – entre nós. Só nós dois no universo – é muito bonito isso (GAIARSA, Amores Perfeitos, p. 39-40).

O terapeuta também descreve a maneira como esse estado amoroso pode quebrar com a barreira erguida pelas restrições sociais. A couraça muscular do caráter é uma proposição teórica de W. Reich e descrita por J. A. Gaiarsa como “toda a força que eu faço para não fazer aquilo que eu quero, aquilo que gosto, aquilo de que preciso” (Gaiarsa,1994).

Wilhelm Reich descreve o orgasmo – o bom orgasmo - como possuindo a função biopsíquica de quebrar a couraça dos preconceitos e restrições a que nossos corpos são submetidos pelo condicionamento social – regulatório, restritivo e neurótico. Em convergência com W. Reich, George Bataille descreve semelhante estado de derretimento provocado pela união erótica.

O filósofo G. Bataille discrimina um solvente e um catalisador na complexa ritualística do empreendimento amoroso, componentes da reação que dissolve as barreiras do corpo e do Ego, permitindo que aos amantes a comunhão com a continuidade. Enquanto seres finitos, delimitados por nossas identidades – sempre restritivas, neuróticas – nos manifestamos no mundo como seres descontínuos, com começo e fim, nascimento e morte; posturas, gestos, desejos e intenções limitadas por nossas possibilidades no espaço-tempo circunstancial.

O que G. Bataille propõe é que a união amorosa, quando plena, é capaz de desmanchar essas limitações, ao menos, entre os sujeitos que a ela se submetem. Um encontro – agora em J. A. Gaiarsa – individualizante, na medida em que pinça aquele rosto anônimo da multidão e o põem à frente de seu amante, distinto e especial. É necessário perder-se no outro para emergirmos mais seguros de nossa própria identidade. Assim, o amor individualiza, edifica e revigora o espírito.

Tais digressões parecem cair longe do alvo, contudo, é Edgar Franco quem acerta em cheio ao representar o estado amoroso como um gozo prazenteiro, capaz de dissolver amarras e desafiar a consistência do próprio ego. A sensação de aqui-agora se torna tão viva e forte que nossa percepção do espaço se torna maleável quando nos encontramos livres das amarras do tempo. Na comunhão amorosa,

somos eu e você, carne e pele – nada de títulos, honrarias ou posição sociais. Tal está estampado em Agatha, para os olhos que se propõem a enxergar.

Ao final da obra, Edgar apresenta um risco sobre a maneira como podemos recorrer a viver o amor de forma egoísta e inconsciente. Da convivência contínua e ininterrupta, pode surgir o tédio, o fatigante e o monótono. Não por coincidência, Gaiarsa alerta sobre o mesmo perigo: todo estímulo quando muito repetido, para de ser notado. É humano – e muito natural. É, portanto, que o psicanalista sugere, gentilmente, que o segredo para um bom amor é fugir da monotonia.

Vida é variação. Tudo o que não muda, só pode estar morto. “A repetição é a defesa contra a criação” (GAIARSA, 1994). Franco alerta contra a monotonia do contato contínuo que, quando mal dosado, converte-se em insensibilidade – e o prazer transforma-se em dor.

Estes foram alguns comentários mais profundos sobre referências teóricas e inspiradoras que o trabalho do professor Franco me evocou. Pretendo permitir que esse diálogo de ideias, aspirações e sonhos se prolongue tanto quanto possível.





Esta resenha encontra-se no blog Caosofia:

<https://caosofiahome.blogspot.com/2018/11/agartha-amor-e-sexo.html>.

Em 07/11/2018

Veja também a resenha em vídeo no YouTube:

[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=7&v=p6rA6H2fdaY](https://www.youtube.com/watch?time_continue=7&v=p6rA6H2fdaY)